



**GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EXPERIMENTAÇÕES:
PERCURSOS DE VIDA E DE FORMAÇÃO**

**GRUPO DE EXPERIMENTOS DE ESTUDIO E INVESTIGACIÓN:
RUTAS DE VIDA Y FORMACIÓN**

**GROUP OF STUDY AND RESEARCH EXPERIMENTS: LIFE AND
TRAINING PATHS**

Vilma Nonato de Brício¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar o Grupo *Experimentações - Grupo de estudos e pesquisas em currículo, subjetividade e sexualidade na Educação Básica*, da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba. Escrever sobre as experiências do Grupo exige um confronto com a memória, com as narrativas que constituem o dispositivo da escrita, com as problematizações teórico-metodológicas que construímos em nossas pesquisas e com nosso compromisso ético-político com a produção de conhecimento em gênero, sexualidade e educação. Partindo de narrativas pessoais e da produção dos integrantes do Grupo problematizo algumas noções teórico-metodológicas tomadas de empréstimos da caixa de ferramentas foucaultianas acionadas nas nossas atividades de ensino, pesquisa e extensão. O artigo será organizado em dois eixos: no primeiro momento damos a ver a criação do grupo, das nossas movimentações individuais e coletivas no ensino, na pesquisa e na extensão; no segundo momento discutimos alguns conceitos de nossas escolhas teórico-metodológicas.

PALAVRAS-CHAVE: Grupo de Pesquisa. Experiência. Gênero. Sexualidade. Educação.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar el Grupo de Experimentaciones - Grupo de estudio e investigación sobre currículo, subjetividad y sexualidad en la Educación

¹ Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará.

Básica, de la Universidad Federal de Pará, Campus Universitário de Abaetetuba. Escribir sobre las experiencias del Grupo requiere una confrontación con la memoria, con las narrativas que constituyen el dispositivo de escritura, con las problematizaciones teórico-metodológicas que construimos en nuestras investigaciones y con nuestro compromiso ético-político con la producción de saberes en género, sexualidad y educación. A partir de relatos personales y de la producción de los integrantes del Grupo, problematizo algunas nociones teórico-metodológicas tomadas de la caja de herramientas foucaultiana utilizada en nuestras actividades de docencia, investigación y extensión. El artículo se organizará en dos ejes: en un primer momento, mostramos la creación del grupo, de nuestros movimientos individuales y colectivos en la docencia, la investigación y la extensión; en el segundo momento discutimos algunos conceptos de nuestras elecciones teórico-metodológicas.

PALABRAS-CLAVE: Grupo de investigación. Experiencia. Género. Sexualidad. Educación.

ABSTRACT

This article aims to present the Experimentations Group - Study and research group on curriculum, subjectivity and sexuality in Basic Education, from the Federal University of Pará, Campus Universitário de Abaetetuba. Writing about the Group's experiences requires a confrontation with memory, with the narratives that constitute the device of writing, with the theoretical-methodological problematizations that we build in our research and with our ethical-political commitment to the production of knowledge in gender, sexuality and education. Starting from personal narratives and the production of the members of the Group, I problematize some theoretical-methodological notions borrowed from the Foucauldian toolbox used in our teaching, research and extension activities. The article will be organized in two axes: at first, we show the creation of the group, of our individual and collective movements in teaching, research and extension; in the second moment we discussed some concepts of our theoretical-methodological choices.

KEYWORDS: Search group. Experience. Genre. Sexuality. Education.

* * *

Prelúdio: primeiras linhas sobre a escrita e o grupo

[...] o que vale a pena escrever, o que vale a pena pensar não é o real abstrato e nem o real empírico; não é a verdade mais ou menos definitiva do que são as coisas, mas a experiência viva de alguém, o sentido sempre aberto e móvel do que nos acontece. Não se trata de medir o que há, mas de medir-se com o que há, de experimentar seus limites, de inventar suas possibilidades (LARROSA, 2004, p. 37).

A provocação de Larrosa sobre escrever mobilizou as reflexões iniciais sobre esse texto. Vale a pena pensar e escrever sobre a história de um Grupo de pesquisa Experimentações com poucos anos de existência? Não, se escrever e pensar sobre o

Grupo tiver a pretensão de produzir uma verdade, definir uma identidade fixa do Grupo. Sim, se pensar e escrever sobre a existência do Grupo engendrar problematização sobre alguns pontos de sua emergência, das condições de seu aparecimento, dando ênfase aos processos formativos potencializadores da mobilização do pensamento, da troca de ideias, dos projetos e ações que resultaram na criação do Grupo, constituindo experiências capazes de criar novos possíveis e de engendrar transformações (LARROSA, 2004).

Tentando exercitar uma escrita a partir dessa segunda possibilidade, o propósito deste artigo é analisar a existência do Grupo *Experimentações - Grupo de estudos e pesquisas em currículo, subjetividade e sexualidade na Educação Básica*, da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba. Para exercitar essa análise introdutória coloco em questionamento a recente história do Grupo *Experimentações* circunscrita em algumas indagações: Quais as condições de possibilidades para o aparecimento do Grupo *Experimentações*? Como, sob que condições, o Grupo foi constituído? Quais foram os efeitos da emergência do Grupo nas trajetórias pessoais, acadêmicas, profissionais dos/as integrantes do Grupo? A ideia não é responder tais questões, definindo uma identidade do Grupo, mas tão somente expor alguns rastros de sua emergência, experiências e efeitos produzidos.

Esse processo de pensar e escrever sobre a história do Grupo produz um enfrentamento com as memórias individuais e coletivas de iniciação as pesquisas, com as problematizações teórico-metodológicas que construímos em nossas pesquisas sobre gênero, sexualidade e educação, assim como os deslocamentos provocados por encontros com autores/as, pessoas, outros grupos, ideias, livros que de algum modo produziram fissuras, afetações, marcas.

O processo de escrita do texto do mesmo modo engendrou um confronto com o próprio dispositivo de escrita. Como um dispositivo, a escrita continuamente se inscreve “[...] em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam” (FOUCAULT, 2006, p. 246). Na composição de forças entre as relações de poder e os saberes que atravessam os processos de construção das pesquisas e escritas do grupo, podemos ensaiar textos, artigos, dissertações, relatórios como formas de resistências, como espaços de luta e possibilidades de transformação.

Os deslocamentos nas pesquisas e no processo formativo até a constituição do Grupo *Experimentações* produziram/produzem conexões que potencializam

inquietações, desconfortos, ao pensar que o processo de escrita, de pesquisa e de formação podem se constituir em experiência, pois assim como Foucault (2010), meus/nossos interesses de pesquisa vão se deslocando com possibilidades de se constituírem em experiências. Foucault afirma que “Uma experiência é qualquer coisa de que se sai transformado” e afirma que se considera “um experimentador no sentido em que escrevo para mudar a mim mesmo e não mais pensar na mesma coisa de antes” (FOUCAULT, 2010, p. 289-290).

A pesquisa e a escrita como experimentações produz afetos/afecções na vida, na pesquisa, na formação nos movendo para inventarmos outras formas de ser, de viver, de pensar e de estar no mundo em articulação com nosso compromisso ético-político com a produção de conhecimento em gênero, sexualidade e educação. Nesse exercício de pesquisa e de escrita constituímos nossas perspectivas teórico-metodológicas e as posições de sujeitos que ocupamos, entre elas aquelas marcadas por atravessamentos da/na academia como aqueles que envolvem relações de saber-poder entre pesquisador/sujeito da pesquisa, orientador/a/orientando/a, professor/a/aluno/a, relações entre grupos e instituições e seus atravessamentos. Nossas escolhas teórico-metodológicas, políticas e afetivas marcam o modo como pesquisamos, conhecemos e escrevemos (LOURO, 2007).

Nesse sentido, para problematizarmos como tem se constituído os processos de pesquisa, de produção de conhecimento e de escrita recorreremos à memória e as narrativas pessoais e coletivas e a produção das/os integrantes do Grupo para organizarmos o texto em dois eixos: No primeiro tópico **Narrar-se e mover-se a outros possíveis... Experimentações** damos a ver a criação do grupo, as nossas movimentações individuais e coletivas no ensino, na pesquisa e na extensão e no segundo tópico **Experimentações de Pesquisas na companhia de Foucault** problematizo algumas noções teórico-metodológicas tomadas de empréstimos da caixa de ferramentas foucaultianas acionadas nas nossas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Antes de continuar, é preciso informar a partir das precauções teórico-metodológicas pensadas por Foucault e seus comentadores/as que uma escrita é sempre provisória, parcial, perspectivada e, até mesmo, enviesada, como esta que ex-pomos neste texto.

Narrar-se e mover-se a outros possíveis... Experimentações

Ver-se de outro modo, dizer-se de outra maneira, julgar-se diferentemente, atuar sobre si mesmo de outra forma, não é outra forma de dizer "viver" ou "viver-se" de outro modo, "ser outro"? E não é uma luta indefinida e constante para sermos diferentes do que somos o que constitui o infinito trabalho da finitude humana e, nela, da crítica e da liberdade? (LARROSA, 1994, p. 84).

Registrar a recente vida do Grupo Experimentações exige uma analítica dos modos de se pensar individual e coletivamente e de escrever deslizando da ideia de construir uma identidade “verdadeira” do Grupo, para pôr em movimento fragmentos narrativos sobre as condições de possibilidades de existência do Grupo produzidas nas tramas de sua fabricação.

As indagações de Larrosa acima provocam a problematização sobre a função de narrar ou narrar-se nos remetendo a reflexão a propósito da relação entre narrativa e experiência, em especial sobre a constituição do “sujeito da experiência” capaz de se transformar em “um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (LARROSA, 2002, p. 24).

Não se trata de fazer uma cronologia histórica por meio de minhas narrativas, mas de fazer um esboço da “história do presente” posta em funcionamento pelo Grupo de pesquisa. Recorrer às narrativas nos possibilita “fazermos e refazermos a nós mesmos através da construção e da reconstrução de nossas histórias” (LARROSA, 2004, p. 20), uma vez que as narrativas das experiências são atravessadas pela reinvenção de nós mesmos, transformando-nos. “A experiência não é um caminho até o objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pre-ver” nem “pre-dizer”” (LARROSA, 2002, p. 34). As narrativas não buscam encontrar evidências ou apresentar um mecanismo de prova das experiências do Grupo, mas tão somente pensar nas continuidades e descontinuidades dos movimentos históricos que nos atravessa em grupo e individualmente, nos levando a refletir *quem somos nós?* (GROS, 1995).

Um dos fragmentos de minha memória é sobre os movimentos do meu percurso acadêmico-formativo nos anos 1990 quando inexistiam Grupos de Pesquisas nos Campi do interior da Universidade Federal do Pará, particularmente no Campus Universitário de Abaetetuba, o que fazia com que o espaço formativo no Curso de Pedagogia (1996-

2002) ocorresse basicamente na sala de aula (dimensão do ensino), com algumas poucas atividades extensionistas não formalizadas realizadas por alguns/mas docentes e pelas/os discentes.

No primeiro ano do curso, 1996, participei na UFPA, Campus Belém, do VIII Encontro Paraense dos Estudantes de Pedagogia (EPEPE), com o tema “O Pedagogo em questão: seu papel sócio-político na educação”. Saí de Igarapé-Miri, interior do Pará onde morava, para participar de um evento na capital era um acontecimento. O evento seria realizado em maio, mas foi adiado para o período de 18 a 22 de junho de 1996 para que culminasse com o período de mobilizações e protestos contra o Massacre de trabalhadores rurais de Eldorado do Carajás, sudeste do Pará, ocorrido em 17 de abril de 1996. A manifestação reuniu o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) do Pará, indígenas, estudantes, que marcharam de São Braz para a Praça do relógio denunciando a violência contra os trabalhadores rurais, os crimes cometidos pelo governador, pela polícia, fazendeiros e pistoleiros, por grandes empresas.... Além da aula aberta, na rua, sobre *o papel sócio-político do pedagogo/a na educação* outro fato marcante nesse evento foi ouvir de alguns docentes palestrantes sobre a relevância dos grupos de estudos e grupos de pesquisas na formação acadêmica.

No IX Encontro Paraense dos Estudantes de Pedagogia (EPEPE), que ocorreu no período de 24 a 17 de junho de 1998, participei pela primeira vez de um debate onde conheci a noção de gênero em um Minicurso intitulado “Gênero: quem mete a colher?”. A discussão realizada e as dinâmicas das quais participei sobre *relações de gênero* vibraram no meu corpo, porque agora começava a entender tantas situações vivenciadas na infância, na adolescência, no Curso de Magistério (2º Grau) e no Curso de Pedagogia constituído em sua maioria por mulheres.

Só no mestrado iniciado em 2018 pude refletir sobre a possibilidade do Minicurso “Gênero: quem mete a colher?” ter sido uma *experiência* formativa produzida por um *acontecimento*, considerando o sentido foucaultiano marcado pela singularidade histórica, intensidade, imprevisibilidade. O conceito de gênero me tocou, transformou a forma de pensar as relações não só as de gênero, mas as composições de forças nas diversas posições de sujeito, podendo ter sido como um conceito experiência pelos efeitos de transformação produzidos.

A experiência é ‘isso que me passa’. Vamos primeiro com esse isso. A experiência supõe, em primeiro lugar, um acontecimento ou, dito de outro modo, o passar de algo que não sou eu [...]. ‘Que não sou eu’ significa que é ‘outra coisa que eu’, outra coisa do que aquilo que eu

digo, do que aquilo que eu sei, do que aquilo que eu sinto, do que aquilo que eu penso, do que eu antecipo, do que eu posso, do que eu quero (LARROSA, 2014, p. 5).

O Minicurso “Gênero: quem mete a colher?” como uma experiência acontecimental foi produzida a partir das multiplicidades dos sujeitos, das relações de poder em exercício e de modos de subjetivação produzidos. O conceito de gênero se tornou o acontecimento que me afetou de uma forma impetuosa, que naquele momento decidi que seria o tema que trabalharia no Trabalho de Conclusão de Curso e me trouxe a memória as relações entre meninos e meninas em casa, na escola, na igreja, nas ruas, nas brincadeiras.

A sala de aula, tanto da graduação, quanto da turma de ensino fundamental onde atuava como docente, depois de conhecer minimamente o conceito de gênero não foi mais a mesma, pois a “[...] experiência é para qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida” (LARROSA, 2002, p. 32). Em 1999 decidi construir o Projeto de Pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Pedagogia sobre *relações de gênero na sala de aula*, uma vez que desde 1997 já atuava como Docente nas séries iniciais em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental no Município de Moju/PA.

A ausência ou silenciamento das questões relacionadas a *Corpos, Gêneros e Sexualidades* no currículo do Curso de Pedagogia (cursado entre 1996-2002, período que enfrentamos 2 greves por causa dos arrochos salariais do governo FHC) na década de 1990 refletia a existência de poucos Grupos de Estudos e Pesquisa na UFPA que discutissem tais temáticas quando o tema era restrito ainda aos movimentos de mulheres. O primeiro Grupo a discutir a “condição feminina” na UFPA foi o Grupo de Estudos e Pesquisas “Eneida de Moraes” sobre a Mulher e Relações de Gênero – GEPEM, grupo criado no CFCH/UFPA, oficializado em 27 de agosto de 1994 pela Profa. Luzia Álvares/DCP/CFCH/UFPA, que vinha, desde o ano de 1986, tratando do tema sobre mulher e política e interessada em agregar as demais colegas para realizar esses estudos na UFPA, como a antropóloga paraense Maria Angélica Motta-Maués que pesquisou no mestrado, na Universidade de Brasília, os comportamentos das mulheres de uma comunidade paraense, as simbologias de sexualidade e o cotidiano da casa vivenciado por essas mulheres².

² Para conhecer mais o GEPEM acesse os relatos de experiências publicados pelas professoras do grupo em Revistas Acadêmicas ou em sites e blogs: <https://www.observeregional-gepem.com/gepem>,

Em 2003 retornei a UFPA para o Curso de Especialização em Coordenação e Organização do Trabalho Pedagógico (2003-2004). Nesse retorno, já encontrei um Campus modificado, não só na estrutura física, como também no quadro de docentes, alguns/mas com mestrado, o que impulsionou a criação do Núcleo de Pesquisa (NUPE) e da Revista Margens em 2004 na Gestão do Prof. Adelino Ferranti como Coordenador do Campus de Abaetetuba e sob a organização do Prof. Antônio Otaviano Vieira Júnior, como forma de valorizar e institucionalizar a pesquisa acadêmica no Campus de Abaetetuba³.

O Núcleo de Pesquisa do Campus Universitário do Baixo Tocantins (NPCUBT) nasceu do esforço de incentivar a produção de trabalhos de pesquisa no Campus do Baixo Tocantins [hoje Campus de Abaetetuba], nasceu nas MARGENS, e com o objetivo de consolidar a pesquisa como uma das instâncias privilegiada desse Campus (VIEIRA JÚNIOR, 2004)⁴.

Fui Bolsista voluntária do Prof. Otaviano durante os anos 2003-2004, selecionada por meio de prova escrita, entrevista e análise do currículo. O NUPE se tornou um espaço que articulava ensino, pesquisa e extensão; um espaço de formação de discentes e docentes/pesquisadores/as do Campus, da UFPA e de IES de outros estados. Foi no NUPE que comecei a pensar mais detidamente nos Grupos de Pesquisa como espaços de formação, como lugares coletivos de movimentação do pensamento capazes de produzir a abertura de outros territórios de produção da pesquisa em educação, de outras possibilidades metodológicas para pensar a educação, de outras relações acadêmicas na Universidade.

Após as experiências no NUPE nos anos de 2003-2004, passei por 3 grupos de pesquisa, na Especialização, no Mestrado e no Doutorado, nos quais tive orientadoras diferentes e nesses grupos tive a oportunidade de trocar experiências com docentes, estudantes de graduação, pós-graduação e com a comunidade e movimentos sociais.

Com o retorno ao Campus de Abaetetuba em 2016 após o doutorado, decidi organizar um grupo de pesquisa que articulasse as temáticas de gênero e sexualidade a partir da perspectiva foucaultiana de análise que vinha pesquisando desde o mestrado, tanto em seus aspectos teóricos quanto metodológicos e que ampliasse o número de Grupos de Estudos e Pesquisa na Faculdade de Educação e Ciências Sociais e no

<https://gepemacontece.blogspot.com/search?updated-max=2021-07-05T10:46:00-03:00&max-results=5&start=5&by-date=false>, <https://www.generonaamazonia.ufpa.br/apresentacao.php>

³ <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/index>

⁴ Apresentação do NUPE. <http://www.ufpa.br/nupe/C%F3pia%20de%20Nova%20pagina.htm>

Campus de Abaetetuba, para que se tornasse um espaço para participação de docentes e discentes do Curso de Pedagogia e de outros cursos.

A partir dessa ideia inicial eu e as Bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC 01/08/2017 a 31/07/2018) Leileanne Mac Dovel Ribeiro Maiara e Silva Oliveira nomeamos o grupo como **Experimentações: Grupo de estudos e pesquisas em currículo, subjetividade e sexualidade na Educação Básica**, cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa da Plataforma Lattes em 17 de outubro de 2016 e apresentado oficialmente à comunidade acadêmica do Campus Universitário de Abaetetuba em 31 de Março de 2017, com um debate sobre “Currículo, subjetividade e sexualidade na Educação Básica” do qual participou a Direção da Faculdade de Educação em Ciências Sociais e da Profa. Sandra Karina Barbosa Mendes, docente recém-concursada na UFPA, que se tornou vice-líder do Grupo em 01 de maio de 2017, pelas aproximações teórico-metodológicas de nossas pesquisas e pela amizade construída desde o doutorado.

No cadastro do grupo no CNPq definimos as *Repercussões dos trabalhos do grupo* que almejamos construir:

O Grupo pretende fortalecer o debate sobre Currículo, subjetividades e sexualidades na educação básica para problematizar a constituição histórica dos sujeitos, questionando as diferentes práticas de normalização e valorizando as múltiplas formas de resistências. Diante do cenário atual de ameaça das liberdades, do Estado laico, da retirada de direitos que impactam nossos fazeres docentes e como pesquisadorxs torna-se cada vez mais importante trazer à tona um debate que evidencia as múltiplas constituições de gênero e sexualidade experienciadas na ambiência escolar⁵.

Além da demarcação da dimensão temática, teórica e metodológica com a formalização do Grupo definimos como linhas de Pesquisa: “Currículo e produção de subjetividades na educação básica” e “Sexualidade no currículo da Educação Básica”. Posteriormente criamos mais 2 linhas e em seguida redefinimos as 4 linhas formando 2 linhas apenas com mais interconexões: “Corpos, gêneros e sexualidades: Discursos, Sujeitos e Práticas Educativas” e “Interseccionalidade entre relações de gênero e relações ético-raciais no Currículo”.

Como Grupo de estudos a partir de 2017 organizamos reuniões semanais de estudos, com alunos/as do Curso de Pedagogia, Letras, Docentes de Igarapé-Miri e

⁵ Experimentações: grupo de estudos e pesquisas em currículo, subjetividade e sexualidade na Educação Básica. Endereço para acessar este espelho: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/228722>

Abaetetuba e a partir de 2018 com os meus 03 primeiros orientandos/as do Programa de Pós-Graduação Cidades, Territórios e Identidades (PPGCITI) no qual me credenciei em 2017. Além dos temas das pesquisas coordenadas por mim e das Bolsistas de Iniciação Científica e pesquisas dos/as orientandos/as de Mestrado e de Graduação eram a bússola para a proposta formativa daquele semestre, para o qual planejávamos coletivamente nossos encontros, com temas e textos prioritários e definíamos os eventos que participaríamos no ano.

Com a criação do Grupo realizava o desejo de criar um espaço de experimentações de outras formas de problematizar os próprios movimentos do pensamento, da vida e do mundo, assim como de contribuir com a produção de conhecimento na área de *Gênero, Sexualidade e Educação* tanto na graduação, quanto na pós-graduação. As narrativas do Prof. Antônio Otaviano Vieira Júnior (na época mestre, hoje doutor em História) sobre Grupos de estudos e pesquisas durante as aulas nas disciplinas Pesquisa Educacional e Laboratório de Pesquisa no curso de Pedagogia me fizeram valorizar a pesquisa, a iniciação científica, os Grupos de Pesquisas mesmo sem ter vivenciado tal espaço formativo.

As narrativas sobre o lugar dos grupos de pesquisa na constituição dos/as pesquisadores/as experientes e iniciantes, das pesquisas, das relações entre grupos, das redes colaborativas de pesquisas, das participações em associações como a ANPED, dos eventos, dos impactos da comunidade local e regional me possibilitaram o desejo de construir um grupo de pesquisa que não se espelhasse na dinâmica individualista e produtivista.

A ideia de trabalhar *com* o outro e não *para* o outro no grupo de pesquisa alimentava a intenção de construir um espaço de discussões, trocas, estudos não apenas de repasse de informações, mas pensar o grupo como um espaço-tempo onde se compreenda o processo de formação acadêmica, a pesquisa e a produção científica como resultantes de processos de experimentações, pois “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (LARROSA, 2002, p. 22).

O termo/conceito Experimentações escolhido para nomear o Grupo de estudos e pesquisas foi um dos primeiros temas a ser discutido no grupo, articulado com o conceito de acontecimento e narrativas, tendo como aporte a leitura dos livros-experiências de Michel Foucault. Para Foucault (1998, p. 10), “a experiência é alguma

coisa da qual saímos transformados”, como a experiência da leitura produzida a partir da conexão entre “campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade” (FOUCAULT, 1998, p. 10). Essa triangulação analítica tem nos permitido problematizar nossos objetos de pesquisa em suas constituições históricas, nas dimensões da produção de saber, das relações de poder e dos modos de subjetivação.

Considerar o Grupo de estudos e pesquisas como espaço de experimentações exige conceber o “pensamento” como o efeito de “uma análise do que se poderia chamar de focos de experiência, nos quais se articulam uns sobre os outros: primeiro, as formas de um saber possível; segundo, as matrizes normativas de comportamento para os indivíduos; e enfim os modos de existência virtuais para sujeitos possíveis” (FOUCAULT, 2010, p. 04). Essa articulação analítica das três dimensões que constituem os “focos de experiência” relacionados a um “objeto de pesquisa” é realizada na análise genealógica, que escuta a história seguindo a regra do princípio de descontinuidade, do princípio de especificidade e do princípio de exterioridade. Para Revel (1995, p. 47) “o pensamento filosófico de Foucault é verdadeiramente uma *experimentação*: ele dá, com efeito, a ver o movimento da constituição histórica dos discursos, das práticas, das relações de poder e das subjetividades”.

Nossa intenção é por em funcionamento nas pesquisas que realizamos sobre *corpos, gêneros e sexualidades* os conceitos de experiência e experimentação como horizonte teórico e como atitude metodológica, pois “entendemos por experiência a correlação, numa cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade” (FOUCAULT, 1998, p. 10).

O Grupo busca se construir como uma experiência de formação, mas pensando a formação não pela lógica do empreendedorismo de si, saturada pelos conceitos de meritocracia, capital humano, pois é possível pensar a formação

[...] um tipo particular de relação, como uma relação de produção de sentido [...] a formação implica, necessariamente, nossa capacidade de escutar (ou de ler) isso que as coisas (textos, filmes, notícias, pessoas, objetos, animais, cotidiano, etc.) têm a nos dizer. Uma pessoa que não é capaz de se pôr à escuta cancelou seu potencial de formação e de trans-formação (LARROSA, 2002, p. 133).

Uma experiência de formação implica uma relação que produz sentido e conexões, expandindo sensibilidades, nos transformando, nos afetando. Entretanto, nem sempre uma atividade, aula, pesquisa, ação, intervenção pode ser uma experiência, pois pode não produzir efeitos, não deixar marcas. “Uma mesma atividade de [formação]

pode ser experiência para uns e não para outros [...] Para que a [formação] seja experiência, tem de afirmar a sua multiplicidade, mas uma multiplicidade dispersa e nômade, que sempre se desloca e escapa ante qualquer tentativa de reduzi-la” (LARROSA, 2002, p. 143).

Para constituir o Grupo em uma experiência de formação é necessário que esta nos transforme, faça algo vibrar em nós, pois

[...] a experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à educação. Educamos para transformar o que sabemos, não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a educar é a possibilidade de que esse ato de educação, essa experiência em gestos, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos, para ser outra coisa para além do que vimos sendo (LARROSA, 2014, p. 05).

O referencial teórico-metodológico que acionamos em nossas pesquisas nos ajuda a pensar em outras formas de construir uma relação entre pesquisa, produção de conhecimento implicadas com a criação de outras formas de vida e de formação, no qual o ensino, a pesquisa e a extensão sejam pensados para além das vivências cotidianas ou obrigações acadêmicas, constituindo outros os modos de subjetivação, em que as singularidades uma arte de viver sejam valorizadas, o que exige de nós disponibilidade e abertura para afetar e sermos afetados.

Como Grupo de pesquisa que discute gênero, sexualidade e educação buscamos demarcar uma posição ético-política na produção de conhecimento para dar visibilidade às formas de resistências, as lutas e aos intercâmbios acadêmicos com outros grupos e pesquisadores/as.

Ao prefaciar o *Livro Produção de conhecimento em gênero, sexualidade e educação: subversões, resistências e reexistências* Fernando Seffner e Maria Eulina Pessoa de Carvalho ao falarem sobre a criação do Grupo de Trabalho 23: Gênero, Sexualidade e Educação da Associação Nacional de Pesquisadores em Educação (ANPEd) afirmam que “Organiza-se um grupo para aprofundar afetos, para afetar e ser afetado, para estar no mundo de forma não apenas individual, mas coletiva. Isso tanto em termos acadêmicos, quanto pessoais” (2021, p. 11). Seffner e Carvalho enfatizam ainda que o GT 23 enquanto grupo “consolidou a aproximação entre pesquisadoras e pesquisadores que, de longa data, em coletivos locais em suas universidades, já trabalhavam com o tema e orientavam teses e dissertações. [...] O GT 23 sempre teve

uma mão na escrita acadêmica e outra nos movimentos sociais” (2021, p. 11). Partilhamos dessa percepção de organização de grupo.

Ao organizarmos um Grupo de Pesquisa sobre questões de gênero, sexualidade e educação no interior da Amazônia tínhamos conhecimento das dificuldades que enfrentaríamos não só na realização de nossas pesquisas por se tratar de um tema pouco debatido e ainda muito atacado no cenário atual pós-golpe 2016, assim como as dificuldades de financiamento de nossas pesquisas e para fazermos publicação no Norte do Brasil, dificuldades de deslocamentos para participar de eventos nacionais e internacionais entre outras.

Sobre o intercâmbio com outros grupos para partilhar conhecimentos, pesquisas, afetos e experiências destaco alguns eventos que possibilitaram encontros teóricos e afetivos com pesquisadores/as com uma longa e consolidada experiência na pesquisa, no ensino e na extensão.

Em 2017 organizei em parceria com o Prof. Dr. Anderson Ferrari (UFJF), com quem partilho conhecimentos e afetos (confetos) desde sua participação em minha Defesa de Tese de Doutorado, o Dossiê Corpo, Gênero e Sexualidades: discursos, sujeitos e práticas educativas na Revista Margens Interdisciplinar, do Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades (PPGCITI), Campus Universitário de Abaetetuba/Baixo Tocantins Universidade Federal do Pará. O Dossiê foi constituído por 09 artigos, escritos em parceria entre 23 pesquisadores/as de diferentes Universidades brasileiras, que analisaram a partir de diferentes perspectivas teórico-metodológicas a constituição dos discursos, sujeitos e práticas educativas relacionadas a corpo, gênero e sexualidades.

Em 2018 participamos, eu e mais sete integrantes do Grupo, do VII Seminário, Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional, Corpo, Gênero e Sexualidade, e do III Luso-Brasileiro, Educação em Sexualidade, Género, Saúde e Sustentabilidade que ocorreu no período de 19 a 21 de setembro de 2018 na Universidade Federal do Rio Grande – FURG. O Seminário acontece desde 2003 e foi idealizado pelo Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (GESE), sob a liderança da Prof^a. Dr^a. Paula Regina Costa Ribeiro. Participamos do evento como uma das instituições promotoras (Universidade Federal do Pará) e como Coordenadora, junto prof. Prof. Dr. Sergio Bandeira (UFPA), do Eixo Temático 1 “A produção dos corpos, gêneros e sexualidades e experimentações de resistências: problematizações a partir de Michel Foucault”. Além disso, participamos da Sessão de apresentação de Grupos de

Pesquisa, do qual participaram 24 Grupos; apresentamos comunicações (08 integrantes do Experimentações que aprovaram trabalho). O evento foi uma experiência singular e marcante para nós, pelo conjunto das atividades das quais participamos: mesas, eixos temáticos, lançamentos de livros, conversas com pesquisadores/as, exposições, atividades artísticas e culturais e a própria viagem, que para alguns estudantes era a primeira de avião, cruzando o país de Norte a Sul.

Em 2020 após a deflagração da Pandemia da COVID-19, o Prof. Dr. Anderson Ferrari (UFJF) convidou vários Grupos de Pesquisa sobre gênero, sexualidade e educação para participarmos de um Ciclo de Encontros entre Grupos que ocorreram em julho de 2020 (via google meet), nos quais os debates ocorreram a partir de quatro eixos: a apresentação os grupos, as pesquisas realizadas, a relação dos grupos com a sociedade, as ações extensionistas do grupo, as experiências de ensino do grupo. As noites das quintas-feiras de julho foram de muitos diálogos, troca de experiências, fecundas interlocuções e laços afetivos. Tais encontros mobilizaram parcerias em Dossiês, publicações, eventos, bancas empreendendo esforços para fortalecer a produção de pesquisas e conhecimentos sobre gênero, sexualidade e educação.

As experiências com os encontros foram tão marcantes que a Profa. Dra. Paula Regina Costa Ribeiro propôs a realização do I Seminário Tecituras em Redes de Discussões e Afetos: interfaces com as questões de gênero e sexualidade que ocorreu no período de 23 a 25 de novembro de 2020, em formato virtual. Paula Ribeiro (2020, p. 14) destaca que “em meio a esse cenário [da Pandemia], em que estamos vivendo diferentes tempos, vimos emergir também um tempo de tecer confetos – conhecimentos e afetos (SATO; SENRA, 2009), com parceiros/as que têm lutado para que as questões de gênero e sexualidades estejam presentes nas diversas instâncias sociais”. Os debates sobre os estudos e pesquisas na área de gênero e sexualidade reuniram pesquisadores/as, pós-graduandos/as, estudantes, bolsistas de Grupos de pesquisa de 11 universidades federais que apresentaram suas pesquisas, dialogaram sobre suas temáticas e objetos de pesquisas, perspectivas teórico-metodológicas. Foram três dias de intensos debates, que constituíram redes de discussões e afetos que nos fizeram estreitar os laços como pesquisadores/as de um campo temático sob ataque na sociedade brasileira, fortalecendo as formas de resistências e os espaços de lutas coletivos.

Desde 2021 estamos na organização do VII Seminário, Corpo, Gênero e Sexualidade que apresenta como tema “Memórias, lutas e insurgências nas educações” para comemorar/rememorar os 20 anos de existência do grupo idealizador

do Seminário - Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (GESE), da FURG, que será realizado no período de 14 a 17 de setembro de 2022, em formato virtual.

Além de nossos intercâmbios com Grupos externos a UFPA, organizamos atividades (eventos, palestras, mesas, debates, rodas de conversas, entrevistas, publicações entre outras) com Movimentos Sociais, Escolas, Secretarias de Educação, Sindicatos dos Professores/as, Partidos de Esquerda e no Campus de Abaetetuba, no âmbito da Faculdade de Educação e Ciências Sociais (FAECS), do PPGCITI, com Grupos de Pesquisas do Campus de Abaetetuba, da UFPA, Campus Belém, da Universidade do Estado do Pará (UEPA), Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA/Campus Tomé-Açu).

O Grupo Experimentações segue problematizando as ameaças das liberdades, do Estado laico, da retirada de direitos que impactam nossos fazeres como docentes e como pesquisadores/as, assim como continuamos investindo esforços em práticas de pesquisas, em ações pedagógicas de ensino e atividades extensionistas que evidenciam as múltiplas constituições dos corpos, dos gêneros e das sexualidades..

Os (des)caminhos percorridos até a constituição do Grupo *Experimentações* só foram possíveis por me/nos permitir *fazer travessias, mover-me* a outros possíveis, no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão e pela abertura a transformação, abrangendo outros temas e problemas de pesquisa.

Experimentações de Pesquisas na companhia de Foucault

Não tenho um método que se aplicaria, do mesmo modo, a domínios diferentes. Ao contrário, diria que é um mesmo campo de objetos que procuro isolar, utilizando instrumentos encontrados ou forjados por mim, no exato momento em que faço minha pesquisa, mas sem privilegiar de modo algum o problema do método [...] Eu tateio, fabrico como posso instrumentos que são destinados a fazer objetos. Os objetos são um pouquinho determinados pelos instrumentos, bons ou maus, fabricados por mim. [...] Procuro corrigir meus instrumentos através dos objetos que penso descobrir, e, neste momento, o instrumento corrigido faz aparecer que o objeto definido por mim não era exatamente aquele. É assim que eu hesito ou titubeio (FOUCAULT, 2003, p. 229).

A companhia de Foucault no Grupo Experimentações não se constitui uma filiação, uma vez que buscamos construir uma relação de interlocução com suas pesquisas, suas ideias, noções que nos ajudam a desestabilizarmos o pensamento ao investigarmos gênero, sexualidade e educação. A interlocução com Foucault se dá pelo

conjunto de “precauções metodológicas” balizadas por elementos da arqueologia e da genealogia, reconstruídos a cada objeto de pesquisa fabricado por Foucault. Ao falar em “precauções metodológicas” Foucault recusa a concepção de método linear, fixo e universal, pensando em perspectivas metodológicas, em um método transitório e singular.

As pesquisas de Foucault produzem abalos nas formas de pensarmos as nossas investigações da nossa atualidade brasileira, principalmente por este colocar em suspenso a sua constituição enquanto pesquisador, filósofo e historiador que se vê nos jogos de verdade enquanto intelectual, restituindo às suas pesquisas seu caráter de experiências, pois estas produzem uma analítica do sujeito da loucura, da prisão, da sexualidade. Para Foucault: “o objetivo principal não é descobrir, mas refutar o que somos [...] Não é libertar o indivíduo do Estado e de suas instituições, mas liberta-nos, nós, do Estado e do tipo de individualização que vai ligada a ele. É preciso promover novas formas de subjetividade [...] desprender-se de si próprio” (apud LARROSA, 1994, p. 84)

Pensando com Corazza (2002) que as práticas de pesquisas mobilizam nossas formas de pensar, se transformando em possibilidades de suscitar acontecimentos e produzir experiências acionamos alguns conceitos foucaultianos para operar as análises dos objetos de pesquisa de nossos projetos de pesquisa.

O primeiro Projeto de Pesquisa desenvolvido no âmbito do grupo foi “Narrativas de jovens sobre gênero e sexualidade no currículo da Escola Básica (2016-2017)” financiado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/PROPESP/UFPA. Em 2017 aprovamos no Edital do Programa de Apoio ao Doutor Pesquisador (PRODOUTOR), subprograma Apoio ao Recém Doutor (PARD), o Projeto de Pesquisa “Sexualidades na escola: corpos e subjetividades nas narrativas juvenis (2017-2018)”.

Nos dois projetos acionamos Foucault para problematizarmos as noções de gênero, sexualidade e currículo, sobretudo em sua articulação teórica e metodológica com o conceito de dispositivo ativador de relações de saber-poder-subjetivação. As narrativas dos jovens sobre corpo, gênero e sexualidade foram construídas a partir das marcas de controles e resistências construídas na escola e no currículo. As narrativas demonstram que as questões relacionadas a corpo, gênero e sexualidade foram construídas a partir da heterossexualidade compulsória, considerada um caminho natural e coerente entre sexo-gênero-prática sexual-desejo (BUTLER, 2003).

No Projeto de Pesquisa desenvolvido nos anos de 2019-2021 foi “A efetivação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) na rede de ensino do município de Abaetetuba - estratégia biopolítica de governo da população escolar” nos apropriamos do conceito de biopolítica de Foucault (2008a) e trabalhado no Brasil por Gadelha (2009), Gadelha; Pulino (2012), Oliveira; Kohan (2012), Ambrózio (2012), Veiga-Neto, Lopes (2007), entre outros, para pensar a BNCC como estratégia biopolítica de governo da população escolar, pois esta é definida como “um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento” (BNCC, 2018, p. 07).

Ao abranger o conjunto da população escolarizável, a vida dessa população passa a ser controlada, regulada, não sem correlações de forças e resistências. Ao ser posta como o centro da “política nacional da Educação Básica”, a BNCC aciona estratégias biopolíticas de controle e regulamentação da população. A BNCC conjura a possibilidade de valorização das multiplicidades e diferenças nas propostas curriculares ao defender princípios de homogeneização, “comum”, nacional, de “currículo-programação” (VEIGA-NETO, 2009). Tal perspectiva de pensar uma Base Nacional Comum Curricular converge com as políticas e práticas de outros setores da sociedade brasileira como o econômico, jurídico, cultural entre outros que são de ordem conservadora e normatizadora.

Das orientações de mestrado destaco as pesquisas dos/as 03 primeiros orientandas/os: Isabel Cristina Baia da Silva sobre “Processos de subjetivação a partir da produção da juventude negra na telenovela *Malhação*: uma análise interseccional”, na qual Isabel acionou os conceitos de dispositivo midiático, juventude negra, interseccionalidade subjetivação (Foucault (1979, 1984), Kellner (2001), Fischer (2001, 2012), Veiga-Neto (2003), Coimbra, Bocco e Nascimento (2005), Davis (2016), Gonzalez (1982, 1984), Crenshaw (2002), Akotirene (2019)) para problematizar os enunciados da telenovela que constituem as personagens na intersecção de raça, gênero e classe.

Isabel apresenta os movimentos da pesquisa destacando a metodologia foi “constituindo-se durante a pesquisa a partir da construção do objeto de estudo, as condições de possibilidades é que fazem aparecer o objeto” (SILVA, 2020, p. 35), dando ênfase a articulação dos três domínios abordados por Foucault, o saber, o poder e

o sujeito (ética), “para realizar a análise dos discursos presentes e silenciados na telenovela *Malhação* sobre as jovens negras, atentando para os processos históricos de constituição subjetiva” (SILVA, 2020, p. 35). Isabel põe em funcionamento o pensamento de Foucault para “estranhar e analisar os enunciados dos/as entrevistadas/os a partir da telenovela *Malhação* e as técnicas de subjetivação” (SILVA, 2020, p. 29). A pesquisa de Isabel Silva problematizou a telenovela *Malhação*, “*Vidas Brasileiras*”, interseccionando raça, gênero e classe nas constituições das experiências e subjetividades juvenis.

Maria Antonia Paixão Feitosa desenvolveu a pesquisa “A constituição da identidade de “aluno/a saudável”: percepções de conduta e controle da educação e(m) saúde no Programa Saúde na Escola” tomando como referencias autores/as como Foucault (1996, 2004), Ortega (2004, 2008), Ortega; Zorzaneli (2010), Donzelot, (2001), Costa, J. (2004), Portocarrero (2009), Veiga-Neto (2003), entre outros/as utilizados na analítica arqueogenealógica dos documentos atravessados por discursos biopolíticos de corpo e sexualidade.

Maria Antonia narra suas aproximações com o arsenal teórico-metodológico de Michel Foucault acionado para analisar a constituição da identidade de “aluno/a saudável” como efeitos do controle da educação e(m) saúde no Programa Saúde na Escola: “quando nas leituras e análises do/sobre o objeto de pesquisa vivificava minhas inquietações ao perceber como as políticas de governamentalidade na área da saúde se decompunham em estratégias a serem aplicadas na escola, a fim de constituir ‘corpos saudáveis’” (FEITOSA, 2020, p. 17). Na analítica documental fundamentada em Foucault Maria Antonia problematizou as estratégias acionadas nas ações que constituem o Programa Saúde na Escola no Município de Igarapé-Miri, destacando as “nuances de subjetivação do sujeito, dando visibilidade as práticas e estratégias implicadas nas políticas públicas para conduta e controle dos corpos infantojuvenis” (FEITOSA, 2020, p. 24).

A pesquisa “Territórios heterotópicos: cartografia dos dispositivos de desejos nos banheiros escolares na cidade de Abaetetuba/PA”, de autoria de Ruan Felipe Carvalho Vilhena foi construída com o aporte teórico de autores/as como Silva (2015), Foucault (2014, 1998, 1979), Barbosa (1986), Machado (2009) para traçar o mapa cartográfico, na perspectiva biografemática, das mensagens trans(ins)critas nos banheiros escolares que asseguram o anonimato da exposição dos desejos que traçam

rizomas de desejos outros e novas formas de existir e experimentar a vida e seus desejos.

Ruan Felipe ao falar de sua perspectiva teórico-metodológica enfatiza: “As práticas de investigação aqui desenvolvidas insubordinam as normas instituídas como regra para pesquisas, as mesmas estão para além de uma bricolagem metodológica, pois, evidenciam conhecimentos que destacam novas insurgências de vida e de existência diante do poder e da cultura” (VILHENA, 2020, p. 23). Ruan Felipe interconecta Gilles Deleuze e Michel Foucault na sua elaboração metodológica como cartógrafo que experimentou de forma viva e íntima o processo de construção de sua pesquisa que possibilitou dar visibilidade as viagens dissidentes por meio das mensagens trans(ins)critas nas paredes e demais espaços dos banheiros escolares, problematizando as estratégias de controle dos banheiros escolares e as fugas como formas de subversão.

Nas nossas pesquisas, de uma perspectiva teórico-metodológica as noções de dispositivo e de poder de Foucault mobilizam nossas problematizações iniciais de temas como gênero e sexualidade. A noção de dispositivo em Foucault tem um sentido e função metodológica e pode ser definido como “[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 2006, p. 244). Esses elementos que formam um dispositivo constroem uma rede com funções que se transformam para constituir-lo para responder uma urgência histórica, tal como a emergência de sexualidade e gênero (FOUCAULT, 2006).

Como dispositivos históricos sexualidade e gênero se constituem pela composição de forças entre saber-poder-subjetivação engendrando formas de controle individual e de gestão coletiva e linhas de rupturas, de resistências. “O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam. E isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles” (FOUCAULT, 1979, p. 246). Para a análise das estratégias de relações de força que formam o dispositivo, precisamos entender a noção de poder de Foucault.

A partir da noção de poder pensada por Foucault a constituição de gênero e sexualidade exige uma analítica em termos relacionais que aciona exercício de forças. Nas palavras de Foucault (2006, p. 231), [...] “Na sociedade, há milhares e milhares de

relações de poder e, por conseguinte, relações de força de pequenos enfrentamentos, microlutas, de algum modo [...] De fato, relações de poder são relações de força, enfrentamentos, portanto, sempre reversíveis”. Nesse aspecto, as relações de poder constituem os gêneros e sexualidades entrecruzando práticas de normalização e controle tanto em nível disciplinar como biopolítico.

As relações de “poder-saber” estão abertamente implicadas, pois “temos que admitir que o poder produz saber [...]; que não há relação de poder sem constituição correlata de uma campo de saber, nem saber que não suponha nem constitua ao mesmo tempo relações de poder” (FOUCAULT, 2005, p. 27). Foucault (2005) não pensa o poder como propriedade, domínio ou dualidade, o poder “[...] não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (FOUCAULT, 2006, p. 08). As relações de poder produz saberes, que por sua vez mobilizam mais ainda as correlações de força. Nessa perspectiva, os saberes médicos, religiosos, sociológicos, pedagógicos que constituem normas de gênero e sexualidade são atravessados por relações de poder intercambiáveis que produzem acomodações e resistências, já que “toda relação de poder implica, então, pelo menos de modo virtual, uma estratégia de luta, sem que para tanto venham a se superpor, a perder sua especificidade e finalmente a se confundir” (FOUCAULT, 2010, p. 293-94).

Nas pesquisas apresentadas brevemente buscamos pensar sobre os atravessamentos entre ler, escrever, estudar, pesquisar, ensinar, orientar como ações/processos experimentados em suas singularidades, multiplicidades, pluralidades, diferenças. Nossos objetos de pesquisa e interesses investigativos são construídos na interface de nossas experiências e daquilo que nos mobiliza a problematizar temas e problemas que nos desassossegam, pois pensamos como Foucault: Nossos objetos de pesquisa e interesses investigativos “É o que somos – os conflitos, as tensões, as angústias que nos atravessam – que, finalmente, é o solo, não ousa dizer sólido, pois por definição ele é minado, perigoso, o solo sobre o qual eu me desloco” (FOUCAULT, 2006a, p. 230). Nas pesquisas em educação, gênero e sexualidade “agora o urgente é recolocar as perguntas, reencontrar as dúvidas e mobilizar as inquietudes” (LARROSA, 2010, p. 8), para solapar as certezas e problematizar nossos objetos de pesquisa.

A perspectiva do jovem Grupo é que possamos desenvolver pesquisas na interlocução com as questões de gênero, sexualidade e educação como experimentações

que nos possibilitem tempo e espaço para colocar em suspenso nossas próprias práticas, um gesto raro.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p. 24).

Para construir experiências é preciso tempo e espaço para que algo nos toque, nos afete, nos mobilize para transformações exige paciência, requer gestos atentos de todos os sentidos. Pretendemos construir experiências *no, com e pelo* Grupo Experimentações para produzirmos práticas de pesquisa, de ensino e de extensão que engendrem outras formas de ser, de viver e de estar no mundo, outras formas de conhecer, pesquisar e escrever, outras formas de pensar as parcerias acadêmicas e de afetos que impulsionam outras relações acadêmicas e de afetos afirmativos na educação, tanto na universidade, quanto na relação universidade e escola.

Narrar, contar, escrever a recente trajetória do Grupo Experimentações me fez pensar na minha formação acadêmica e na formação dos/as integrantes do grupo, assim como nos fluxos nômades de formação e pesquisas em múltiplos espaços-tempos que se entrecruzam como um entre-lugar de reinvenção. O processo de escrita narrativa aciona memórias e esquecimentos, alegrias e tristezas, conquistas e perdas, o que torna a escrita mais hesitante.

O processo de escrever [viver] é feito de erros – a maioria, essenciais – de coragem e preguiça, desespero e esperança de vegetativa atenção, de sentimento constante (não pensamento) que não conduz a nada, não conduz a nada, e de repente aquilo que se pensou que era “nada” – era o próprio assustador contato com a tessitura de viver – e esse instante de reconhecimento (igual a uma revelação) precisa ser recebido com a maior inocência, com a inocência de que se é feito (CLARICE LISPECTOR, 1994, p. 483-484).

Referências

CORAZZA, Sandra Mara; SILVA, Tomaz Tadeu. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FEITOSA, Maria Antonia Paixão. A constituição da identidade de “aluno/a saudável”: percepções de conduta e controle da educação e(m) saúde no Programa Saúde na Escola. **Dissertação** (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, 2020.

FOUCAULT, Michel. Conversa entre Michel Foucault e Claude Bonnefoy, 1968. In: **O belo perigo**. (Tradução Fernando Scheibe). Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 29-77.

FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. In: FOUCAULT, Michel. Repensar a política. Rio de Janeiro: Forense, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. Política e ética: uma entrevista. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. Poderes e estratégias. **Estratégia, Poder-Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Org. e trad. Roberto Machado. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Org. e trad. Roberto Machado. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990. p. 15-37.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1986. V. 2.

GROS, Frederic. Foucault e a questão do quem somos nós? **Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo**, 7 (1-2): 175-178, outubro de 1995.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Trad.: Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LARROSA, Jorge. O professor ensaísta. In: **Revista Educação**. Investigação e Práticas, nº 7, p. 22-46, maio de 2013.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, RS, v. 29, n. 01, p. 101-115. jan./jun. 2004.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/Abr, Nº 19, 2002.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, M. V. Caminhos investigativos – novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 133-160.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). O sujeito da educação: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994.

LOURO, Guacira Lopes Louro. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218. dez. 2007.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlo Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

SILVA, Isabel Cristina Baia da. Processos de subjetivação a partir da produção da juventude negra na telenovela *Malhação*: uma análise interseccional. **Dissertação** (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, 2020.

VILHENA, Ruan Felipe Carvalho. Territórios heterotópicos: cartografia dos dispositivos de desejos nos banheiros escolares na cidade de Abaetetuba/PA. **Dissertação** (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, 2020.

Recebido em junho de 2022.

Aceito em julho de 2022.